

FHE **POUPEX**

COMBATE DO SEIVAL DE 10 DE SETEMBRO DE 1836 NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Natural de Canguçu-RS. Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHDRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resendense e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. E autor do livro O Exército Farrapo e os seus Chefes. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1993. 2v. disponíveis em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br

Artigo digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim a AMAN e em levantamento para integrá-lo no programa Pergamium de bibliotecas do Exército

O COMBATE DO SEIVAL DE 10 DE SETEMBRO DE 1836 NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Em 10 de setembro de 1836 transcorreu o Sesquicentenário da mais importante vitória farroupilha, no combate do Seival. Vitória obtida por forças ao comando do coronel da Guarda Nacional Antônio Netto, contra forças imperiais ao comando do tenente-coronel João da Silva Tavares, então o maior esteio do Império e a única reação armada significativa à Revolução, em 20 de setembro de 1835.

O combate tomou este nome por ter sido travado na coxilha do Seival, junto às pontas do arroio de mesmo nome, afluente do arroio Condiota, no atual município de Bagé.

A vitória do Seival, que considero o mais brilhante feito das armas farrapas durante o Decênio Heróico, teve lugar num dos momentos mais críticos da Revolução Farroupilha.

Ou seja, depois de Porto Alegre haver retornado ao Império, em 15 de junho de 1836, com a prisão do Governo Revolucionário da Província, que foi enviado preso para o Rio e, do levantamento do bloqueio naval farrapo de Porto Alegre, em 23 de agosto de 1836, que havia sido estabelecido na entrada do rio Guaíba.

Completo a criticidade do momento, a derrota da Divisão do Centro, ao comando de Bento Gonçalves, na ilha do Fanfa, em 4 de outubro de 1836, do que decorreu sua prisão e envio preso para o Rio de Janeiro e depois Bahia.

Reveses estes que obrigaram pelas manobras do coronel Bento Manuel Ribeiro, a serviço do Império, a ser levantada toda a concentração farrapa em Pelotas, ao comando do Major João Manoel Lima e Silva, Comandante-das-Armas da Revolução, depois de uma tentativa repelida, em 22 de julho de 1836, de conquistar a cidade do Rio Grande, então sede do Governo Provincial exercido por Delegado do Império, o rio--grandense Dr. Araújo Ribeiro.

Assim, neste quadro extremamente adverso, Seival foi providencial por sua retumbância, para alimentar as esperanças combatidas dos revolucionários e provocar apreensões ao Império. Seival criou condições para a Proclamação da República Rio-Grandense pelo coronel Antônio Netto, na madrugada do dia seguinte, no campo do coronel Joaquim Menezes, junto ao passo das Pedras, à margem esquerda do Jaguarão, em Bagé.

Proclamação da República que por sua vez animou a luta até a paz honrosa de Ponche Verde, em 1º de março de 1845. Esta obra de rara

sensibilidade e engenharia político-militar que consagrou, aquele tempo, o nosso Duque de Caxias, com o honroso título de Pacificador, além de transformar antigos revolucionários em seus dedicados e valorosos colaboradores nas guerras externas, onde "**republicanos e imperiais marcharam lado a lado, ombro a ombro contra o inimigo**". *Então amorteceu temporariamente nos corações de ex-farroupilhas o ideal republicano.* Ideal adiado em nome de valores mais altos sob ameaça — a Integridade e a Soberania do Brasil.

Foi ainda durante a Revolução que o lanchão **Seival**, em homenagem ao mais brilhante feito das armas farrapas, levou até Santa Catarina o ideal de República. Isto ao ajudar, depois de um feito épico de transposição da Lagoa dos Patos para o Oceano, a conquistar o porto de Laguna, em Santa Catarina, quando foi proclamada a efêmera República Juliana. Lanchão introduzido na forma de réplica em 1970 no Parque Marechal Osório no RGS.

Foi buscando inspiração na República Rio-Grandense, proclamada em decorrência da vitória do Seival, que estudantes gaúchos, em São Paulo, particularmente da Escola de Direito do Largo do São Francisco, fundaram, em 20 de setembro de 1881, o Clube 20 de Setembro que se inseriu na campanha republicana que culminou com a Proclamação da República, quase centenária em que vivemos. Clube 20 de Setembro, criado 7 anos depois do Clube Republicano da Escola Militar da Praia Vermelha onde pontificou o aluno, gaúcho de São Gabriel, Hermes da Fonseca entre outros republicanos históricos no Exército.

Grupo 20 de Setembro citado no qual atuaram, como primeiros historiadores rio-grandenses da Revolução, Alcides Mendonça Lima e Assis Brasil e mais, dentre muitos, Júlio Prates de Castilhos e Borges de Medeiros, que, junto com outros constituintes de 1891, adotaram como símbolos do Rio Grande do Sul os da República Rio-Grandense.

Em que pese a importância da projeção histórica do combate do Seival, até na República Brasileira, fundada em 1889 pelo primeiro Presidente do Clube Militar — o Marechal Deodoro da Fonseca, e ser Seival, a maior, mais brilhante e retumbante vitória farroupilha, sua abordagem detalhada não tem merecido a atenção dos historiadores nos últimos 150 anos, a exceção de Alfredo Varela em sua monumental **História da Revolução Farroupilha**.

Abordar com o máximo de detalhes e pela primeira descrevê-lo e analisá-lo militarmente, integrando os trabalhos citados e mais outros detalhes

esparcos obtidos é o objetivo do presente estudo. Ele visa também evocar o combate e os seus protagonistas, dentro do espírito da Paz de Ponche Verde, exaltando o valor, a coragem e a fidelidade às verdades que cada um dos lados defendeu e pelas quais muitos lutaram até morrer.

É uma página imortal, cheia de ensinamentos da História Militar do Brasil, no Rio Grande do Sul, escrita a ferro e sangue. É um elogio à fibra, à garra, à coragem e ao valor de cada um dos cerca de 1.000 rio-grandenses que nele se bateram com honra e denodo.

SITUAÇÃO GERAL

(Para melhor entendimento sugiro aos leitores acompanhar pelos mapas da Primeira Parte.)

Em 20 de setembro de 1835, o coronel Bento Gonçalves da Silva, Comandante Superior da Guarda Nacional da Província, com apoio em parte expressiva da mesma, menos as de Herval do Sul, Pelotas, Rio Grande, São José do Norte e Porto Alegre e mais o apoio de toda a Guarnição do Exército da Província, a mais forte do Brasil, conseguiu dominar em um mês toda a Província sulina e depor o seu Presidente — o Dr. Fernandes Braga e o marechal Sebastião Barreto, seu Comandante das Armas, substituindo-os pelo Dr. Marciano Ribeiro e coronel Bento Manuel Ribeiro, respectivamente.

O Império mandou como substituto do Dr. Fernandes Braga, outro rio-grandense — o Dr. Araújo Ribeiro, primo e amigo do coronel Bento Manuel Ribeiro. Face a problemas apresentados à posse de Araújo Ribeiro pela Assembléia Provincial, o coronel Bento Manuel decidiu apoiá-lo militarmente. Partiu para a campanha para liderar a reação. Aconselhou a Araújo Ribeiro que fizesse a sua parte, a partir de Rio Grande, onde assumiu o Governo da Província e reconquistou e consolidou, de modo incruento, aquela estratégica posição.

E teve lugar então uma disputa armada entre dois governos provinciais. O revolucionário instalado em Porto Alegre, sob liderança do Presidente Marciano Ribeiro, tendo como Comandante- das- Armas o major João Manoel de Lima e Silva. Este concentrou grandes forças em Pelotas para reconquistar Rio Grande e depor o Governo Imperial, ali instalado e, local aberto a recursos navais e terrestres de toda a ordem. Governo tendo como Comandante- das- Armas, atuando no interior da Província, o citado coronel Bento Manuel, procurando socorrer o Presidente da Província, pressionado a partir de Pelotas.

Neste momento histórico, os revolucionários não perceberam a inteligente e incruenta manobra do Presidente Araújo Ribeiro de apossar--se de Rio Grande e consolidá-la, gradativamente, como base naval e terrestre inexpugnável da contra-revolução.

Os revolucionários para reconquistá-la teriam, segundo Canabarro Reichardt, incorrido em uma falsa avaliação estratégica. Ou seja, dividirem os esforços ofensivos a um tempo só, sobre o coronel Bento Manuel na Campanha, ao longo do vale Jacuí, sobre o Presidente Araújo Ribeiro, em Rio Grande e, sobre o coronel Silva Tavares junto à Fronteira do Jaguarão.

Segundo ainda o autor citado, João Manoel, Comandante-das-Armas, teria sido favorável a atacar a um tempo só os três objetivos.

Bento Gonçalves, ao contrário, voto vencido, teria se manifestado favorável a bater por partes o adversário. Primeiro Bento Manuel na Campanha, antes de operar junção com Silva Tavares. Depois este e, finalmente, concentração geral pra investir Rio Grande, como fizera no plano vitorioso inicial da revolução de setembro de 1835.

Em 2 de junho de 1836, o major Lima e Silva conseguiu abrir o Passo dos Negros, do São Gonçalo, junto a Pelotas, fechado por Esquadrilha ao comando do capitão Grenfell e defendido pelos coronéis imperiais Silva Tavares e Calderon. Através do passo lançou tropas ao comando dos coronéis Antônio Netto e Domingos Crescêncio de Almeida.

Na perseguição de Silva Tavares e Calderon eles percorreram o atual município de Santa Vitória do Palmar até que os obrigaram a se internar no Uruguai, por São Miguel.

Neste Ínterim Porto Alegre caiu em mãos imperiais por desguarnecida. Todo o Governo foi preso. Netto retornou da fronteira do Chuí e foi cobrir a fronteira do Jaguarão. Bento Gonçalves tentou reconquistar Porto Alegre, sem sucesso. Pressionado foi obrigado a retirar-se para a Campanha e terminou por ser preso na Ilha do Fanfa, em 4 de outubro de 1836, com expressiva parcela de sua tropa, que compunha a Divisão do Centro. Enquanto isto Domingos Crescêncio que veio em seu socorro nada conseguiu fazer.

Deste modo, Rio Grande retornou ao Império, seguida de Porto Alegre; de neutralização posição farrapa em Itapoã em 6 de agosto de 1836; da derrota de Bento Gonçalves no, Fanfa e da queda pela manobra, da posição de João Manoel Lima e Silva. Isto significou: Perda das estratégicas bases militares e navais Rio Grande e Porto Alegre; prisão da liderança revolucionária civil, em Porto Alegre, incluindo o Presidente da Província

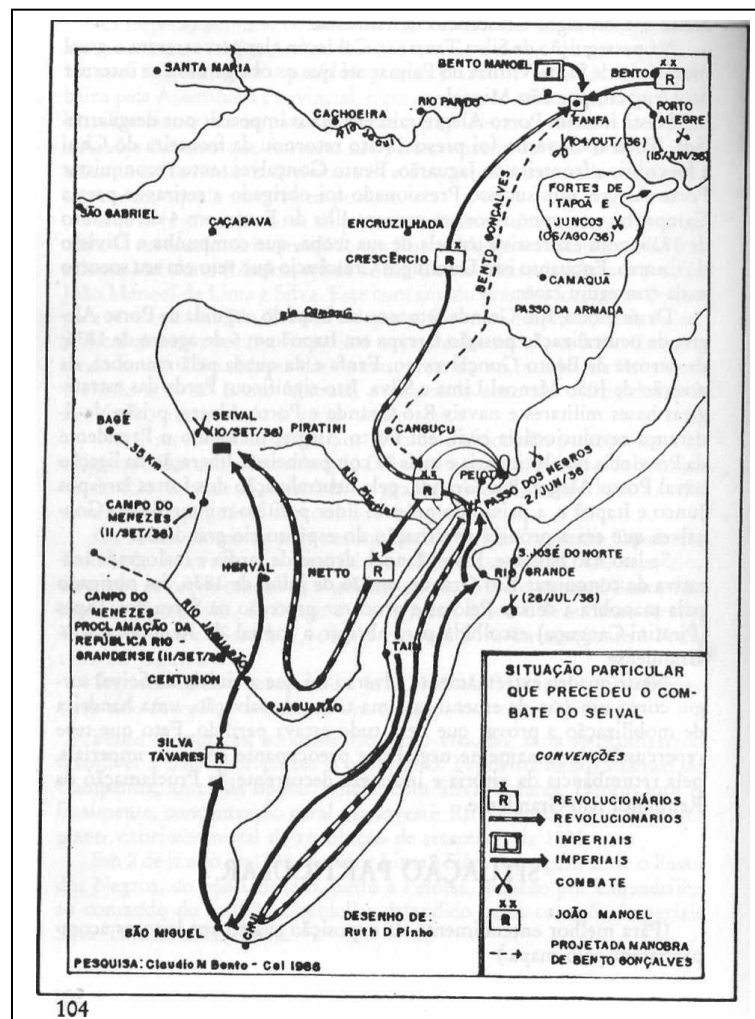
revolucionária e mais 31 companheiros; liberação da ligação naval Porto Alegre, Rio Grande, pela neutralização dos fortes farrapos Junco e Itapoã e, a prisão do próprio líder político-militar Bento Gonçalves que era a própria encarnação do espírito rio-grandense.

Se isto não bastasse, João Manoel, depois de tardia e malograda tentativa de conquistar Rio Grande, em 26 de julho de 1836, foi obrigado pela manobra a deixar Pelotas e procurar proteção na Serra dos Tapes (Piratini-Canguçu) escolhida para abrigar a capital da República Rio-Grandense.

Neste quadro extremamente adverso foi que a vitória do Seival surgiu como um raio de esperança, uma tábua de salvação, uma bandeira de mobilização a provar que nem tudo estava perdido. Fato que teve repercussão extremamente negativa e preocupante entre os imperiais, pela retumbância da vitória e incerteza decorrente da Proclamação da República Rio-Grandense.

SITUAÇÃO PARTICULAR

(Para melhor entendimento da exposição sugiro aos leitores acompanharem pelo mapa.)



104

Ao conhecer a queda de Porto Alegre, em 15 de junho de 1836, mesmo com o rosto deformado, coberto de ataduras e ardendo em febre, o major João Manoel Lima e Silva levantou-se do leito para tomar uma série de medidas, visando a preservar a vantagem estratégica conseguida com a abertura do Passo dos Negros bem como para cobrir Pelotas, último reduto farrapo, de um ataque de Bento Manuel.

Cobertura realizada num amplo semicírculo, cobrindo as principais direções estratégicas incidindo sobre Pelotas e particularmente em Canguçu.

Protegida sua base de partida, com a Divisão ao comando de Netto estacionada no Taim, decidiu Lima e Silva atacar Rio Grande, colocando-a sob sítio terrestre.

Nas noites de 19, 21 e 22 de julho João Manoel tentou, sem êxito, assaltar as trincheiras de Rio Grande. Suas massas de Cavalaria foram rechaçadas pela bem plantada tropa de Infantaria imperial.

Em 26 de julho de 1836, lançou o derradeiro ataque, partindo sua Divisão em três contingentes que constituíram as alas e o centro. As alas, com base em Cavalaria armada de lanças, caberiam simular ataques nos flancos para atraírem sobre si os defensores. A seguir, o Centro, mais numeroso e contando com um pelotão a pé, de pistolas e espadas, atacou na Vanguarda, seguido de uma massa de Cavalaria.

O ataque do Centro foi percebido e recebido sob intenso bombardeio da Artilharia de terra e mar, com tiros diretos e rasantes. Isto determinou a retirada imediata para Pelotas, onde João Manoel chegou em 11 de agosto e fortificou-se, instalando 5 canhões que levara na expedição. Com ele retornaram Antônio Netto e Domingos Crescêncio. No dia seguinte, 12 de agosto, criou o Corpo de Lanceiros Negros, entregando sua organização a Joaquim Pedro Soares segundo Wiedersphan.

Bento Gonçalves em dificuldades pediu que Domingos Crescêncio se dirigisse a Triunfo para acolhê-lo ao Sul do Jacuí. A Netto pediu que lhe conseguisse cavalos para remontar sua Divisão. Crescêncio se dirigiu a Triunfo e Netto para a fronteira do Jaguarão para arrumar cavalos e por saber que Silva Tavares e Calderon, que obrigara emigrar para o Uruguai, depois da vitória de 2 de junho, já haviam retornado ao Brasil, no final de julho pelo passo Centurion (antigo N.S. de Conceição do Jaguarão).

Silva Tavares e Calderon tiveram de separar-se. Silva Tavares forte de 500 homens acampou num rincão, na foz do Seival, no arroio Candiota. Aí soube que o passo do Lageado, do rio Jaguarão, acampava uma tropa. Dia

10 de setembro Silva Tavares saiu em direção desta força, em reconhecimento, e a encontrou a uma légua de onde acampara!

Netto, ao divisar Silva Tavares nas pontas do Seival, partiu sobre ele. Silva Tavares galgou a coxilha do Seival e tomou a melhor posição em suas partes mais elevadas, onde dispôs suas tropas e aguardou o combate.

O COMBATE DO SEIVAL Forças era presença

Imperiais: Brigada Provisória de Cavalaria da Comarca do Rio Grande, ao comando do coronel comandante Superior da Guarda Nacional da Província, João da Silva Tavares e reforçada por tropas do coronel Isaias Bonifácio Calderon, que incluía muitos orientais e no momento ausente, com pequena escolta, à procura de contato com o coronel José dos Santos Loureiro.

Seu efetivo numerava cerca de 500 homens, segundo o mais categorizado historiador da Revolução — Alfredo Varela.

Revolucionários: 1ª Brigada do Exército Liberal ao comando do coronel da Guarda Nacional Antônio Netto, reforçado pelo recém-criado e ainda em organização Corpo de Lanceiros Negros.

A 1ª Brigada de Netto originou-se da Legião de Guardas Nacionais do Termo de Piratini, criada em 14 de outubro de 1835, pelo Presidente José Mariano Ribeiro, colocado pela Revolução de 20 de setembro da Presidência da Província, em substituição a Fernandes Braga. Foi constituída de dois Esquadrões ou quatro Companhias. Uma Companhia recrutada em Piratini e as outras três, uma no distrito de Bagé, até o Pirai e as duas restantes uma em Canguçu atual e a outra em Pedro Osório atual, ao norte do rio Piratini.

Reforçada no Seival pelos Lanceiros Negros do tenente-coronel Joaquim Pedro Soares e major Joaquim Teixeira, Nunes, a maior lança farrapa segundo Tasso Fragoso, atingiu um efetivo estimado em cerca de 430 homens.

Principais lideranças

(Experiência de combate anterior a Seival)

Imperiais: 1) Coronel João da Silva Tavares. Nascido em Herval. Era filho de um português. 46 anos no combate do Seival. Com 21 anos ingressou num Regimento de Milícias, na Fronteira do Rio Grande. Participou da Campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental, ao comando de D. Diogo de Souza 1811-1812. Integrou a vanguarda da Divisão de Voluntários Reais que em 1816, ao comando do general Lecor, penetrou no Uruguai pelo

Chuí e terminou por entrar no Uruguai e participar da tomada de posse de Montevideú.

Participou da 2.^a Guerra contra Artigas, cujo epílogo foi sua derrota em Taquarembó, em 22 de janeiro de 1820, e da Guerra Cisplatina 1825-28, ao final da qual era Capitão.

Neste posto foi nomeado Comandante de Campanha e do Distrito Militar do Herval, prestando assinalados serviços na segurança da fronteira no rio Jaguarão.

Criada a Guarda Nacional em 1831, nela exerceu as funções de major e tenente-coronel até 1835.

A Revolução de 20 de setembro de 1835 encontrou nele a única reação militar efetiva, em todo o Rio Grande. Contou com apoio dos hervalenses que tinham sobradas razões para apoiar o Império. Seu sogro Bonifácio Nunes, o Patriarca de Herval, havia sido um dos colaboradores do legendário brigadeiro Rafael Pinto Bandeira. E com Bonifácio, concluída a Guerra 1763-1776, na qual foi definido o destino brasileiro do Rio Grande do Sul, muitos ex-colaboradores da primeira espada continentina se radicaram em Herval atual.

Revolucionários: 1) Coronel Antônio Netto. Nasceu em Povo Novo — Rio Grande, 1801 tendo por ocasião do combate do Seival 35 anos. Estreiou como capitão de Milícias na Guerra Cisplatina 1825-27, na cobertura da Fronteira, no corte do Jaguarão. Iniciando a Revolução Farroupilha como Capitão da Guarda Nacional, ascendeu durante a mesma, por seu valor, a coronel e logo a seguir a general. Lutou de 1835-45, sem descanso, até o último dia, tornando-se a segunda figura depois de Bento Gonçalves.

Foi o mais exímio cavaleiro farrapo. Sua liderança era incontestada sobre seus comandados. Até Seival era pouca a sua experiência militar. No curso da Revolução veio a tornar-se respeitado líder de combate de Cavalaria. Na Guerra do Paraguai coube-lhe fazer a vanguarda do Exército de Uruguiana até Tuiuti, a maior batalha campal da América do Sul, após a qual, acometido por febre, morreu e foi sepultado em Corrientes na Argentina. Desde 1966, centenário de sua morte, repousa em Bagé, próximo do túmulo de Silva Tavares, seu oponente no Seival. Unidos agora, na morte, como estiveram em muitos momentos em defesa da Integridade e da Soberania do Brasil.

E completá-riamos, dos valorosos soldados do Brasil,, no Rio Grande do Sul que foram exemplares e coerentes na defesa de suas verdades..

Assessoria militar clássica

Em Seival ambos contendores dispuseram de pelo menos um assessor militar com larga experiência no Exército Imperial. Senão vejamos:

Imperiais: Major João Frederico Caldwell. Nascido em Santarém-Portugal, em 1801. Era filho do tenente-general Frederico Caldwell, inglês a serviço de Portugal, com uma portuguesa. Cadete aos 9 anos, do atual Regimento de Cavalaria de Guardas em Brasília. Como Alferes, aos 16 anos, lutou contra a Revolução Pernambucana de 1817, em Pernambuco. Em 12 de outubro foi promovido a 1º tenente do citado Regimento, no qual serviu por cerca de 20 anos.

Durante a Guerra Cisplatina, 1825-28, foi designado Major-de-Brigada, da 2ª Brigada de Cavalaria Ligeira ao comando do coronel Bento Gonçalves, sob cujas ordens serviu de 15 de setembro de 1826 a 31 de outubro de 1827 (mais de um ano).

Sobre o seu desempenho na Guerra Cisplatina escreveu Bento Gonçalves:

"Este honrado militar, não só desempenhou as obrigações de seu cargo, como serviu de instrutor aos três corpos que compunham a brigada. Deixou-se quase em estado de primeira linha, tanto em manobras, quanto no espadão, apesar de andarem sempre em frente do inimigo. Tomou parte na Batalha de 20 de fevereiro de 1827 (Passo do Rosário), e em todos os encontros que teve a Brigada, em diversas ocasiões, neles mostrou presença de espírito, desempenhando tudo que lhe ordenei com atividade. E subordinado de exemplar conduta, tanto militar como civil..."

Caldwell desligado do Exército, por sua condição de filho de inglês, embora anglo-lusitano, aderiu, em Jaguarão, à causa da legalidade.

No combate do Seival teve a mão direita amputada por um golpe de espada e ficou prisioneiro por 43 dias, até conseguir fugir.

Mais tarde veio a prestar relevantes serviços ao Brasil, na guerra e na Paz. Comandou a 3ª Região Militar de 1848-1865, por cerca de seis vezes. Em **1870** foi Ministro da Guerra e logo a seguir Conselheiro de Guerra e, Ajudante-General do Exército até falecer, em 26 de fevereiro de 1873.

A sua influência doutrinária na Brigada de Silva Tavares é evidente. ao ver o dispositivo avançando, da tropa de Netto, teria concluído, com conhecimento:

Netto vem atacando para triunfar!"

Revolucionários: Tenente-coronel Joaquim Pedro Soares (1770-1850). Sobre a sua ação militar no Seival escreveu Caldeira — o cronista farrapo:

"Joaquim Pedro Soares tinha sido oficial de 1ª Linha do Exército Imperial, na Guerra Cisplatina 1825-28. Era valente, enérgico e muito militar. Possuía muita instrução e prática de oficial de Secretária.

Foi ele que organizou o casco do 1º Corpo de Lanceiros Negros de 1ª Linha. No ataque do Seival foi ele que dispôs a força de Netto para o ataque. Ele manteve um Esquadrão em proteção (em Reserva). Foi este Esquadrão ao comando do capitão Antônio Meireles Gonçalves que tomou conta do campo (de batalha) e obteve triunfo."

Aqui está uma realidade até então não explorada. Foi este esquadrão em Reserva que fez a penetração no centro do dispositivo imperial, no momento oportuno, dividindo em dois e tornando impossível o apoio mútuo entre as alas Direita e Esquerda.

O tenente-coronel Joaquim Pedro Soares, segundo estudos que acabamos de proceder, com apoio em documentos que encontramos no Arquivo Histórico do Exército e que aqui sintetizamos, nasceu em Campo Maior-Portugal, em 1780. Era filho de militar. Sentou praça com 10 anos. Em 1797 foi promovido a cabo de RI. Esteve prisioneiro dos franceses durante a invasão de Napoleão a Portugal. Em 1816 veio para o Brasil, como 2º sargento, integrando a Divisão de Voluntários Reais ao comando de Lecor. Fez as campanhas de 1816, 1820 e Guerra Cisplatina. Combateu em Passo do Rosário como tenente do 1º Esquadrão comandado pelo capitão Domingos Crescêncio de Carvalho, mais tarde um dos esteios da Revolução. Esquadrão pertencente ao 4º Regimento de Cavalaria de Linha de Jaguarão, que por ocasião da Revolução de 20 de setembro de 1835, era comandado pelo capitão Crescêncio que aderiu com o Regimento a Revolução, liderada por Bento Gonçalves, ex-comandante desta unidade. Joaquim Pedro havia se reformado em 4 de julho de 1831, sem vencimentos. Foi organizador e primeiro comandante dos Corpos de Lanceiros Negros e Ajudante Geral do Exército da República. Foi preso em Piratini junto com Domingos José de Almeida e o Coronel José Mariano de Mattos e recolhidos a Cadeia em Canguçu, então mandada construir pelo Ten Cel GN Francisco Pedro de Abreu. Chico Pedro ou Moringue, comandante ali da Ala Esquerda do Exército Pacificador do Barão de Caxias. Depois foi enviado preso para o Rio. E é desconhecido o seu destino após. Possui descendentes no Rio Pardo. Seu ligeiro perfil mostra o seu valor militar e capacidade para dispor forças revolucionárias para o combate. Influuiu junto com o coronel Lucas de Oliveira para que o coronel Netto proclamasse a República. Foi portanto assessor militar e político de Netto no Seival e no Campo de Menezes. A História da Revolução Farroupilha tem esquecido a projeção de sua atuação.

Descrição do combate do Seival

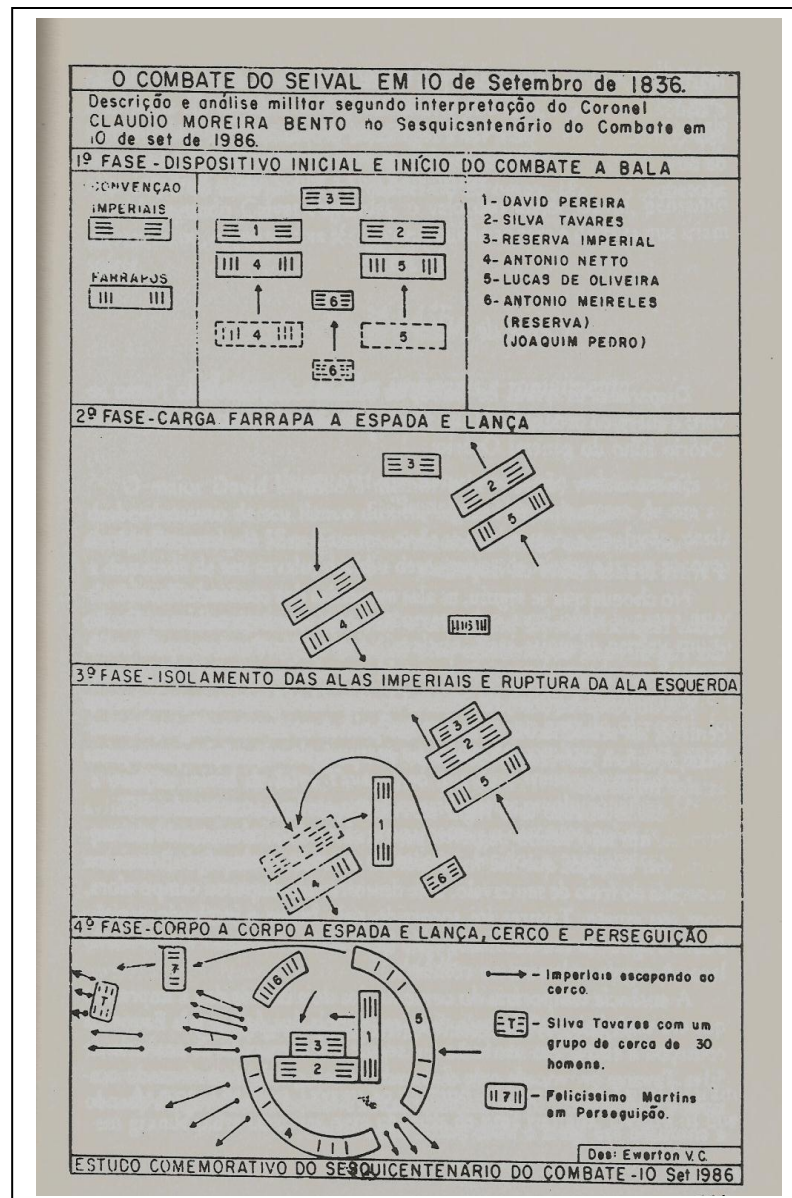
(Sugiro que o leitor acompanhe pelo esboço)
1ª FASE

Tomada do dispositivo e início do combate a bala

Os imperiais ao comando de Silva Tavares escolheram o terreno do combate. Ocuparam o alto da coxilha do Seival desdobrados em três grupamentos. A Ala Esquerda apoiada numa depressão e ao comando de Silva Tavares e a Ala da Direita ao comando do valente Major David Francisco Pereira. À Retaguarda das duas alas foi colocada a Reserva, forte de 2 esquadrões ou quatro companhias.

Os revolucionários ao comando de Netto, e sob a orientação tática do tenente-coronel Joaquim Pedro, tomaram o seguinte dispositivo na várzea, no sopé da coxilha do Seival:

A Ala Esquerda ao comando de Netto e a Ala Direita ao comando do tenente-coronel Vicente Lucas de Oliveira, e ambas formadas em Linha



A retaguarda, como reserva, ao comando do bravo capitão Antônio Gonçalves Menezes Meireles, ficou um esquadrão, sob a sua supervisão, para fins de emprego, do tenente-coronel Joaquim Pedro, veterano das lutas contra Napoleão na Península, reformado do Exército Imperial e com larga experiência militar de mais de 40 anos e, inclusive, em nossas lutas no Sul desde 1817, conforme registramos antes, pela primeira vez.

Dada a ordem por Netto para o ataque, os revolucionários, a trote largo e com suas armas de fogo carregadas, partiram, coxilha do Seival acima, à procura dos imperiais postados em posição vantajosa, no alto da coxilha e previamente escolhida.

Ao se defrontarem descarregam reciprocamente suas armas de fogo. Neste momento foi atingido por dois disparos, sem ser desmontado, o major Bernardo Pires que mais tarde seria festejado, em Piratini, como o Mártir de Seival. A Bernardo Pires caberia a tarefa de desenhar o Brasão e Bandeira da República Rio-Grandense proclamada no dia seguinte a este combate e de viver para ver a República proclamada no Brasil, em 15 de novembro de 1889, bem como os símbolos por ele desenhados serem adotados, em 1891, como os do Estado do Rio Grande do Sul.

2.^a FASE Carga de Netto a espada e lança

Disparadas as armas de ambos os contendores, Antônio Netto severo e enérgico ordenou em alto brado a sua brigada, segundo Fernando Osório filho do general Osório: ***Camaradas, não quero ouvir um tiro mais! A carga, a espada e a lança!***

Ato contínuo os revolucionários com grande ímpeto carregaram a arma branca sobre os imperiais. No choque que se seguiu, as alas esquerdas dos contendores, comandadas respectivamente por Netto e Tavares, recuaram sobre a pressão das alas direitas, comandadas pelo imperial major Pereira e pelo revolucionário Lucas de Oliveira.

Os dispositivos dos contendores começaram a girar em torno de seus centros, no sentido contrário aos dos ponteiros de um relógio, à semelhança de um carrossel, ocorrendo um perigoso distanciamento entre as alas imperiais.

Neste momento teve lugar na Ala Esquerda, ao comando de Silva Tavares, um fato muito negativo para a sorte de suas armas. No entrevero, um lançaço, que lhe foi desferido e de que se esquivou, cortou a cabeçada do freio de seu cavalo. Este desenfrenado disparou campo afora, com seu

ginete. Tavares foi socorrido pelo bravo e intrépido capitão Pedro Fagundes seu cunhado, após laçar seu cavalo com improvisado laço. A seguir voltaram ao combate.

A ausência temporária do combate dos dois bravos deu a impressão que era uma retirada do chefe. Sem assistência dos dois, a Ala Esquerda começou a entrar em confusão e a seguir em derrocada. A ausência de Silva Tavares provocada pela disparada de seu cavalo desenfrenado ocasionou o retardamento do emprego de sua Reserva, só empregada quando a confusão era geral e nada podia mais influir.

Na Ala Direita o major imperial David Pereira levava a melhor sobre Netto. Percebendo a confusão na Ala Esquerda imperial e seu afastamento da Ala Direita. O tenente-coronel Joaquim Pedro lançou naquele intervalo a Reserva revolucionária. Esta procurou desbordar a Ala Direita imperial e cair sobre a sua Retaguarda.

Aí, segundo Calvet Fagundes, o valoroso major David, pensando acertar errou, o que trouxe sérias conseqüências para a derrota que iriam sofrer.

3ª FASE

Isolamento das alas imperiais e rompimento da Ala Esquerda -Vitória!

O major David levando a melhor sobre Netto, vendo ameaça de desbordamento de seu flanco direito, seguida de isolamento de sua Ala da Ala Esquerda de Silva Tavares, onde se estabelecera a confusão, desde a disparada de seu cavalo, decidiu desenganjar de Netto e ir em socorro de Silva Tavares.

O caminho que teve que percorrer até o local onde pensava estar Silva Tavares era impróprio à Cavalaria. Para atingi-lo perdeu muito tempo, que foi aproveitado por Netto, então transformado em Reserva, para reforçar a sua Ala Direita. O major foi ferido e desmontado e a sua tropa não encontrou a Ala Esquerda que, no giro do carrossel, foi ocupar a posição que ele ocupara no início do combate e, a sua tropa, a posição inicial de Silva Tavares, só que com frentes invertidas.

Taticamente o combate estava vencido pelos revolucionários. Os imperiais foram isolados em três grupamentos e cercados pelos revolucionários. Foi grande o número de mortos, feridos e prisioneiros.

4.* FASE Corpo a corpo a arma branca e Perseguição

As tropas de Silva Tavares ao término do combate de Seival ficaram em grande parte cercadas, sem chances de uma retirada. Dentre os que

conseguiram romper o dispositivo, registre-se o próprio coronel Silva Tavares, em companhia de cerca de 30 companheiros que procuraram atingir o rio Camaquã.

Em perseguição aos imperiais que conseguiram escapar do local de combate, foi destacada da Ala Direita revolucionária uma fração, tendo como guia Felicíssimo Martins, com ordens de não ultrapassar o arroio Velhaco, afluente do Camaquã.

Os remanescentes revolucionários se retiraram em direção do Camaquã. Não foram aprisionados em maior número, em razão da tropa de perseguição haver sido incumbida de um reconhecimento que atrasou e a perseguição ser limitada ao arroio Velhaco.

Netto montava neste dia um cavalo tordilho negro que ele mesmo havia domado antes da guerra e Silva Tavares um baio sebruno.

Baixas no combate do Seival

Segundo Tristão Araripe foi o seguinte o total de baixas imperiais:

356/560 combatentes: Baixas assim distribuídas: 118 mortos 60 feridos
116 prisioneiros

E assinalou

: "***Seival foi considerado na rebeldia como um dos seus mais gloriosos feitos.***"

Silva Tavares perdeu aí os seus mais destacados líderes de combate: David José Pereira e Pedro Canga, seus colaboradores desde a primeira hora. Seu filho Joca Tavares, com 18 anos, preso em combate, foi remetido para o Uruguai por Netto, aos cuidados do coronel Calengo, muito ligado por amizade à família Tavares, mas oriental e revolucionário.

Joca Tavares mais tarde se destacaria na Guerra do Paraguai e na Revolução de 93.

O coronel Silva Tavares apesar dos percalços que passou em combate foi dos poucos a conseguir escapar do local da luta.

Decorridos 50 dias do combate do Seival, o coronel Silva Tavares foi preso por David Canabarro, na casa do sogro Bonifácio Nunes, em Herval. Foi em 17 de dezembro de 1836. Permaneceu preso até 5 de fevereiro de 1837, quando conseguiu fugir com o concurso de um sargento de Pernambuco de nome Segimundo, depois de 50 dias preso.

Das 318 baixas/500 imperiais e contra 36 baixas/430 revolucionários, verifica-se que o combate de Seival assumiu características de combate de aniquilamento ou de destruição do adversário.

Por isto Seival foi a maior vitória obtida pela Revolução Farroupilha e não tem exagerado categorizados historiadores que a tem adjetivado de "**retumbante**", "**brilhante**" e "**absoluta**" e outros termos equivalentes. O

número de baixas reflete a bravura inaudita dos imperiais que foram dobrados em decorrência de imponderáveis, como o corte da cabeçada do cavalo do coronel Silva Tavares, e de um erro tático do major David.

Com esta impressão ela espalhou-se pelo Rio Grande e pelo Império. Seja pela retumbante vitória militar, seja pela sua conseqüência a Proclamação da República Rio-Grandense. Ela teve grande repercussão negativa no Império e muito positiva entre os agora republicanos.

Nestes últimos cento e cinquenta anos foi-se perdendo a noção da significação histórica do Seival e de sua projeção na quase centenária República que vivemos.

As fontes sobre o combate são falhas acerca de seus quase 1.000 participantes.

Os autores que escreveram sobre a Revolução Farroupilha, sistematicamente têm citado o texto da Proclamação e que foi assinada por 52 oficiais e sargentos da Divisão Liberal. A procura de seus nomes recorreremos, sem êxito, aos Arquivos Nacional, do Exército, do Itamarati, do Museu Histórico Nacional, da Biblioteca Nacional, Histórico do RGS, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Câmara de Piratini e Museu da Revolução Farroupilha, também em Piratini.

Recorreremos a competentes pesquisadores. A descoberta dos 52 seria reveladora. Aqui deixamos um desafio aos pesquisadores do assunto. Continuaremos na busca. Talvez a resposta se encontre no Uruguai. Só conseguimos 13 nomes.

Uma análise militar do combate, aqui omitida, evidencia que Seival se constitui numa Manobra Central de Penetração na qual os revolucionários observaram muito bem os princípios de Guerra, com ênfase nos da Ofensiva, **Manobra, Segurança e Simplicidade.**



Canguçu- RS. Dia 31 dez 1933, concentração popular na inauguração da Luz Elétrica. Ve-se indicada por uma seta, a Cadeia construída pelo Chefe Imperial Tem Cel Francisco Pedro de Abreu em 1844 e ironicamente, como **Casa de Hospedes do Farroupilhas** segundo Simões Lopes Netto. E nela estiveram presos os ministros da República Rio Grandense Cel José Mariano de Mattos, Domingos Jose de Almeida e o Ten Cel Joaquim Pedro Soares, Cadeia demolida no início da década de 40 do século XX, e em seu lugar construída Delegacia de Policia, Cadeia Municipal e Fórum, substituídas mais tarde pelo Teatro Municipal, Professor Antônio Joaquim Bento e pela sede da Academia Canguçuense de História. A citada cadeia foi o Posto de Comando de 1845 a 1849, do Capitão Antônio Sampaio, atual patrono da Arma de Infantaria do Exército..